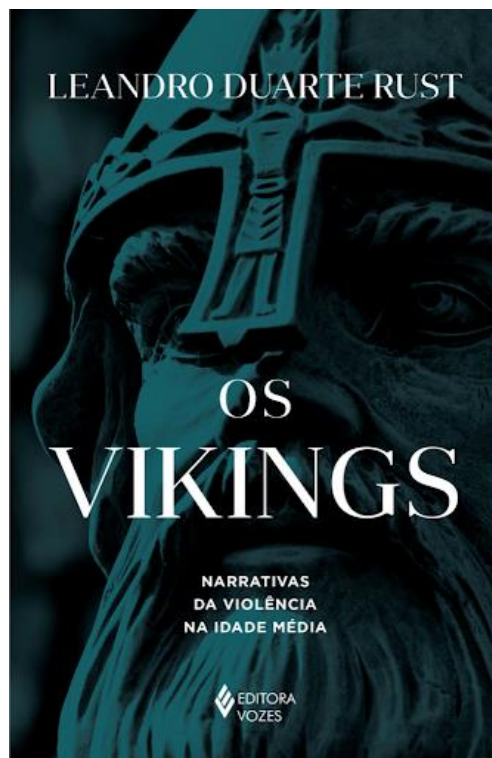


VIOLENTOS HOMENS EM VIOLENTOS TEMPOS

VIOLENT MEN IN VIOLENT TIMES



RUST, Leandro Duarte. *Os Vikings: Narrativas da violência na Idade Média*. Brasília: Editora Vozes, 2021.

Sandro Teixeira Moita¹

Dentre os diversos campos da História enquanto disciplina, o estudo temático tem observado formidável avanço recentemente. Seja por influência da História das Ideias, seja pelo aproveitamento das próprias possibilidades da História enquanto campo, isso ajuda a

¹ Doutor em Ciências Militares, Coordenador de Pesquisa em História Militar no Instituto Meira Mattos, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), Brasil. Membro do NEVE. *Orcid*: <https://orcid.org/0000-0003-4795-3880> E-mail: sandrotm@gmail.com

trazer importantes contribuições para as pesquisas e desenvolvimento intelectual precioso, que impulsiona o campo.

Neste sentido, o crescimento daquilo a que vem ser chamado como histórias da violência tem aberto novos horizontes de observação aos historiadores. O uso da força tem dimensões próprias, e seus desdobramentos tem consequências diversas para as sociedades humanas no passo do tempo histórico, dada que as características associadas a elas, e suas culturas, tem traços decisivos para que se entenda a manifestação da violência e como ela pode ser percebida de diferentes formas.

Assim, a violência encontra máscaras variadas, que se apresentam de acordo com períodos e povos estudados. E como ela está associada a cultura, de forma indissociável, seja por retratar um agressor ou vítima da violência, não se pode desconsiderá-la ao investigarmos aspectos das sociedades humanas. Magnética, ela exerce poder atrativo sobre historiadores e arqueólogos, mas também sobre o imaginário popular, e talvez, para este último, de forma mais dramática, até mesmo por releituras modernas feitas na contemporaneidade.

A violência no mundo Viking não escapa a isto. De fato, o fascínio exercido pela figura de um guerreiro Viking tido como um selvagem banhado em sangue de inimigos, destruidor de lugares, livre em sua capacidade de ferir e matar. Tal estereótipo persiste, embalado por razões várias, que vão desde o desconhecimento sobre as dinâmicas da vida nas sociedades escandinavas tanto quanto usos e abusos da imagética Viking para legitimar ou impulsionar causas políticas e culturais, como arquétipos de masculinidade. Busca-se no passado uma panaceia para os anseios do presente.

Um estudo sobre a violência impõe uma reflexão sobre seu conceito, ou como ela pode ser identificada. O debate é vasto e ocuparia o espaço, sem ser capaz de trazer todas as definições possíveis. Assim, para os fins deste trabalho, será melhor partir para uma perspectiva mais particular, sobre o que significaria a violência da Europa Ocidental Medieval, e daí, localizar neste espaço geo-histórico, o papel da violência Viking, tanto na relação em seu círculo exterior, nos contatos das sociedades escandinavas com outras sociedades europeias, tanto quanto em seu círculo interior, a manifestação desta entre membros de tais sociedades.

Sendo assim, o livro se ocupa de cobrir a violência em um espaço de tempo relativo, de 781 a 888, em terras do Império Carolíngio, por ação dos “homens do norte”. A pesquisa nasceu como fruto de investidas sobre a temática da violência em tempos medievais, tendo

dado origem a uma obra anterior, de 2018, sobre os bispos que, embora proibidos de portar armas, assim o faziam, e praticavam violência.

Dada a extensão de fontes retratando a violência Viking, e observando a possibilidade de escrever uma história de um período por esta lente, Leandro Rust, traz este livro, fruto de uma observação criteriosa sobre as manifestações dessa violência por parte dos “bárbaros” vindos do norte, temidos por seu “furor”, produtor de vítimas e incêndios por onde passassem em expedições e razias.

Entretanto, no primeiro capítulo, Rust aponta algo relevante e que cria questionamentos para refletir: o sangue, como elemento da narrativa, muitas vezes era presumido, e assim, no ato de registrar o passado, os historiadores inseriram o elemento sanguinolento. Obviamente não questiona aqui que, durante atos de violência não se tenha tido derramamento de sangue, mas sim, que, ao escrever uma narrativa do passado e das ações dos Vikings, a opção por carregar nas tintas avermelhadas, era mais o produto de anseios ligados à modernidade contemporânea a estes historiadores.

A ação dos “homens do norte” era, dessa forma, percebida como uma punição divina, frente a um mundo de pecados em ascensão vertiginosa, sendo eles meros instrumentos de uma vontade maior. Não à toa, os relatos muitas vezes possuem um tom de lamento, de forma a cativar suas audiências, a denotar como as armas dos Vikings caíram sobre os “*miseráveis*”, aqui retratados como indefesos, no sentido latino da palavra, incapazes de resistir ao uso da força de uma incursão Viking.

O segundo capítulo vem na esteira de uma pergunta deixada pelo primeiro - se havia uma lógica a regular a violência neste mundo carolíngio, com os Vikings sendo seus instrumentos. E outra questão advém disto, sobre a possibilidade de entender a violência neste fragmento de tempo medieval como algo inerente a condição humana daquelas sociedades.

A aparição de diversos sinais antes do chamado “início” da Era Viking, com o saque de Lindisfarne em 793, indicava uma punição divina que viria pelas mãos dos “homens do norte”. Destaca-se aqui a técnica retórica do diácono Alcuíno, cuja pena foi capaz de produzir o evento primeiro dessa era, onde a violência dos pagãos servia a um propósito de denunciar as vaidades e injustiças dos cristãos, consumidos por pecados e guerras civis, agora punidos pela vontade divina pela incursões violentas daqueles estrangeiros - a “chuva de sangue”.

As cartas de Alcuíno a reis ingleses são documentos preciosos, pois, se por um lado, demonstram toda a questão da violência Viking, em sua medida inesperada e feroz, por outro, servem também como contraponto a sua própria tese, de um surgimento repentino dos Vikings nas costas britânicas. Em um trecho, ele repreende o rei da Nortúmbria e sua corte por conservarem cortes de cabelo e barba que lhes deixavam com a aparência dos invasores do norte, algo que denota alguma presença dos daneses nas ilhas antes de 793, portanto, algo importante a ser considerado para uma história das relações entre os Vikings e a Europa cristã medieval.

Alcuíno não mobiliza a figura da “chuva de sangue” à toa. Ele o faz baseado em uma tradição para tratar a violência como elemento de desordem do mundo, mas também para inspirar aos religiosos que os ataques a igrejas e mosteiros eram realidades duras que deveriam ser aceitas, e não eram exclusivas das Ilhas Britânicas ou do Império Carolíngio. Séculos antes, Hunos saquearam igrejas cristãs na Gália e Godos se apossaram de riquezas eclesiásticas na Itália.

O recurso a “chuva de sangue”, e fenômenos aparentados se tornou corrente nos registros, associados sempre a um prenúncio da chegada dos Vikings. A medida que as ações dos “homens do norte” foram se estendendo e adentrando rios do Império Carolíngio, as populações do interior passaram a conhecer o terror que assolava a costa há algum tempo. Mas um ponto era comum - as regiões atacadas viviam um cotidiano de guerras civis, com a autoridade do rei franco, o imperador carolíngio sendo questionada por nobres que amealhavam poder e desejavam mais. Mesmo entre os descendentes de Carlos Magno não havia paz.

Assim, o terceiro capítulo surge para aprofundar a questão sobre o papel do sangue. E se percebe que o “fio de sangue” proposto pelo autor não é advindo apenas da violência Viking. Mas sim de um terrível cotidiano no qual as guerras civis e rebeliões enfraquecem o Império Carolíngio, e o deixam a mercê das ações dos “homens do norte”. As visualizações do sangue em diversas maneiras - chuvas, céus avermelhados, tetos de igrejas ensanguentados marcam a tristeza decorrente dos conflitos fratricidas entre cristãos, mediante o olhar dos cronistas. Não sendo possível que eles se detivessem, a chegada dos pagãos e a violência decorrente disto seria uma forma de castigo e punição pela divisão do governo e do poder.

O cerco de Paris, de 885, é visto através da lógica do sangue por duas formas. A primeira, o combate entre parisienses e Vikings faz o sangue jorrar em grandes quantidades ao ponto de que não era possível divisar a quem ele pertencia. O choque do enfrentamento era tal que o ar ficava tomado pelos projeteis, e o som do encontro das espadas, lanças e escudos. Corpos feridos, corpos mortos aos montes, aos milhares segundo os registros, criavam uma nova realidade, onde o sangue estava em todas as partes e direções. Um líquido abundante, anônimo e humano.

A segunda, como as revoltas e guerras civis abriram espaço para a aparição dos "homens do norte". As divisões do poderio franco eram grandes da investida Viking de 885, e elas chegaram a tal monta que mesmo Paris, uma cidade poderosa e de prestígio foi cercada e teve de combater com suas próprias forças por boa parte do cerco, até que reforços chegassem em fins de outubro, com a capacidade de fazer a diferença e encerrar o sítio. O sangue aqui representava também o temor de que a cidade fosse conquistada por um rei Viking, em contraposição ao rei franco e imperador carolíngio.

A disputa de poder entre duas autoridades diferentes, por meio de contestação de forças entre parisienses e Vikings. A crônica, embora colocando os "homens do norte" como menores e selvagens, não deixa de reconhecer que eles estavam organizados, menos como bando, e mais como um "*exercitus*". Dessa forma, e ao mesmo tempo que cercavam Paris, os Vikings tinham tomado diversas cidades e vilas no rio Sena, em seu caminho até seu grande objetivo, a *Ilê-de-France*.

Tinham sido capazes de derrotar diversas tentativas de romper o cerco. Francos vindo de diversas regiões foram desbaratados. A disputa do sangue deveria ser superada, se fosse para que Paris fosse salva dos pagãos. A divisão do poder servia apenas aos princípios daqueles afastados dos desígnios divinos, e por isso, enfrentavam o castigo, que eram as endêmicas ações Vikings das décadas de 880 e 890.

Como a violência Viking se tornou uma ameaça ao Império Carolíngio, tendo partido de uma série de expedições de saque é a pergunta a ser tratada pelo quarto capítulo. Além dos diversos significados que a palavra "violência" possui, há outro desafio imposto por "Viking". Nenhuma fonte franco carolíngia do período abordado pela obra lhes denomina assim, mas sim como normandos, daneses, ou ainda outros nomes.

É inegável que se busque transpor mitificações e nisto, o capítulo trata de como este povo estrangeiro, o Viking, não era um estranho desconhecido dos francos, mas sim alguém com quem já tinham convivência, como mercadores, viajantes, dentre papéis outros. E ainda, que mesmo em momentos anteriores aquele de 793, concebido como início da Era Viking, o Império tenha feito gestões para que daneses enfrentassem daneses, oferecendo dignidades régias e riquezas. Algumas vezes de forma efetiva, outras não.

A dinâmica da transformação de violência Viking sobre as terras carolíngias de pequenos saques a grandes expedições, com locais sendo destruídos ou conquistados, sempre ligadas as menções do sangue se circunscreve em um processo histórico onde normandos e francos disputavam poder e terras. O sangue falado nas crônicas não era somente o líquido humano e muitas vezes, anônimo, mas um debate a respeito da composição do poder, ou seja, de quem poderia controlar as cidades disputadas entre francos e Vikings.

Embora para os últimos o uso da violência fosse uma forma de obter controle sobre cidades estratégicas, onde se cunhavam moedas e assim, obter riquezas, em nada diferindo daquele tipo de violência já comum aos francos. Cidades destruídas, incêndios, saques e razias eram coisas conhecidas dos carolíngios, pois compunham parte do cenário das incessantes revoltas e guerras civis que assolavam o Império. A entrada dos Vikings neste grande teatro de operações, para utilizar uma expressão militar, não muda tal panorama, mas o denuncia como fator evidente da fragilidade do Império, que tinha uma ordem tão abalada a ponto de ter que disputar cidades com os “homens do norte”.

Rust não foge ao desafio de falar sobre um persistente mito - o da “cultura de violência medieval”. Ao desmontar argumentos que tem elevada popularidade em tempos atuais, especialmente entre não-historiadores, o mito de que a Idade Média seria caracterizada pela violência, o que tornaria suas sociedades altamente permissivas e mesmo indiferentes quanto à presença da violência em suas vidas. Nada mais falso - tanto que as próprias fontes mobilizadas pelo autor em sua pesquisa são vivas demonstrações de protesto frente a violência, percebida como a “desordem do mundo”, advindas de uma corrupção moral.

O que seria então a “violência Viking”? Inscrita em um processo de trocas com o Império Carolíngio, as sociedades normandas se viram colocadas em uma disputa por poder e prestígio, terras e riquezas com os francos. Primeiro em enfrentamentos para saques e depois,

em ações mais elaboradas, com viés de conquista ou controle, mesmo que temporário, de locais que possuíam relevância estratégica nesta confrontação.

O fio de sangue buscado pelo autor, leva ao entendimento que este líquido, precioso, foi derramado em grandes quantidades no século IX por Vikings e francos carolíngios, resultado da busca pelo poder, e assim, a figura da “violência Viking” associada ao sangue, é retrato de elites que escolhem como eventos violentos foram retratados, ressaltando algumas ações em detrimento de outras. Uma violência essencialmente associada ao mundo político, e portanto, a busca pelo poder, pela capacidade de exercer poder e autoridade.

A temática da violência, como algo presente em tempos atuais é sempre causador de ansiedade, pelas sensações múltiplas que ela desperta. O entendimento de suas bases ajuda a compreendê-la e mesmo até, evitá-la. Assim, o trabalho primoroso de Leandro Rust instiga a avançar nas avenidas que sua pesquisa abre, e a ver se o fio de sangue é a nascente de um rio, ou mesmo de um oceano, onde a violência praticada por um estrangeiro pode ser lida sob diversos prismas. Ressaltar a violência dos Vikings demonstra mesmo como os discursos sobre ela são construções sociais e políticas, fruto das sociedades das quais os registros surgem. Portanto, um estudo revelante a pesquisadores da Era Viking e da Idade Média, mas não só a estes, como a todos aqueles que desejam entender as bases do uso da força e da ação violenta.